

NO CAMINHO HAVIA UM POEMA



Iris Zanetti/Divulgação



A 5ª Intervenção Poética da Transvê Poesias transforma garrafas long neck e jornais em pequenos objetos de arte e literatura que o público pode levar para casa. A partir desta terça (6) e até o dia 16, versos de poetas de todo o Brasil ocupam as áreas externas de dez unidades do Sesc RJ.
Página 2

Mil e quinhentas garrafas à espera de leitores

5ª Intervenção Poética Nacional da Transvê Poesias distribui poemas em garrafas long neck pelas áreas externas de dez unidades do Sesc RJ

AFFONSO NUNES

Entre 6 e 16 de outubro, cerca de 1.500 garrafas long neck reutilizadas e revestidas de jornal vão ocupar as áreas externas de dez unidades do Sesc do Rio de Janeiro. Dentro de cada uma, versos de poetas de diferentes cidades brasileiras, selecionados por chamada pública. Quem passar por uma das unidades pode ler, se encantar e levar a garrafa para casa — sem ingresso, sem cerimônia, sem pressa. É assim que a Transvê Poesias realiza a 5ª Intervenção Poética Nacional, projeto que transforma o poema em objeto e o transeunte em leitor.

A circulação fluminense começa no dia 6 de outubro, no Sesc Botafogo, com abertura na Biblioteca Machado de Assis (Rua Farani, 53), entre 11h e 16h. De lá, as garrafas seguem por Zona Sul, Zona Norte, Zona Oeste, Baixada Fluminense e Região Serrana: Duque de Caxias (7/10), Cocotá (8/10), Retiro dos Artistas (9/10), Nogueira (10/10), Três Rios (11/10), Nova Iguaçu (13/10), Barra Mansa (14/10), Nova Friburgo (15/10) e Madureira (16/10). É a primeira vez que a Intervenção Poética circula pelo estado do Rio de Janeiro — e a primeira, na história do projeto, em que os poemas viajam gravados dentro de garrafas.

O nome da plataforma vem de Manoel de Barros e de uma frase que o poeta, ator e produtor cultural Anderson Valfré faz questão de repetir: “O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê. É preciso transver o mundo”. Foi a partir dela que Valfré fundou a Transvê Poesias, há 12 anos, em Ouro Preto, quando ainda era estudante da UFOP. Desde então, a plataforma articula formações literárias, projetos culturais e instalações artísticas construídas de forma coletiva, em parceria com agentes culturais de diferentes regiões do Brasil — a segunda edição nacional, por exemplo, aconteceu na própria cidade histórica mineira. Em 2025, o coletivo fez uma pausa na realização da intervenção e do Edital Mande Poemas para reorganizar a estrutura e buscar novos caminhos. O resultado aparece agora: uma ocupação que se estende por territórios tão distintos quanto o coração de Botafogo e a Região Serrana.



A Intervenção Poética ocupará as áreas externas de dez unidades do Sesc RJ



Anderson Valfré criou a plataforma há 12 anos

“Queremos tirar a poesia do lugar onde normalmente esperamos encontrá-la e colocá-la no caminho das pessoas. Assim criamos uma experiência em que o público pode não apenas ler um poema, mas ser impactado e levá-lo para casa”, ob-

serva Valfré, coordenador nacional da Transvê.

No Rio de Janeiro, a circulação é viabilizada pelo edital Sesc Pulsar, hoje em sua 5ª edição — o instrumento de fomento que, neste ciclo, destinou R\$ 36 milhões a proje-

“Queremos tirar a poesia do lugar onde normalmente esperamos encontrá-la e colocá-la no caminho das pessoas. Assim criamos uma experiência em que o público pode não apenas ler um poema, mas ser impactado e levá-lo para casa”

ANDERSON VALFRÉ

tos que compõem a programação cultural do Sesc RJ entre janeiro de 2026 e fevereiro de 2027. Ao espalhar as garrafas por dez unidades do estado, o projeto cria o que chama de pequena cartografia afetiva da literatura: um mesmo gesto poético, multiplicado por 1.500, dialogando com territórios e formas de expressão diferentes. Cada objeto é um pequeno artefato de artes visuais e de literatura — o jornal que o envolve garante que o suporte nasça, ele próprio, da palavra impressa.

Parte das garrafas trará poemas em Braille. O recurso amplia o acesso à experiência e integra a proposta de fazer da instalação um espaço de convivência entre diferentes públicos e maneiras de perceber a palavra. Para os selecionados pela chamada pública, ver o próprio verso através-

sar o estado numa garrafa é uma forma de circulação que a estante não permite: a poesia para ver, encontrar e espalhar.

SERVIÇO

INTERVENÇÃO POÉTICA — TRANSVÊ POESIAS

Abertura: 6/10, no Sesc Botafogo (Biblioteca Machado de Assis) — Rua Farani, 53, Botafogo. Das 11h às 16h | Grátis
7/10 — Sesc Duque de Caxias;
8/10 — Sesc Cocotá;
9/10 — Sesc Retiro dos Artistas;
10/10 — Sesc Nogueira;
11/10 — Sesc Três Rios;
13/10 — Sesc Nova Iguaçu;
14/10 — Sesc Barra Mansa;
15/10 — Sesc Nova Friburgo;
16/10 — Sesc Madureira

A Justiça é cega, mas vai ao cinema

CCJF vira braço alternativo da maratona carioca, levando filmes brasileiros ao Centro do Rio

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Habitual concorrente do Festival do Rio, a carioca Susanna Lira ganha jornada dupla nesta terça-feira (6), quando o evento amplia sua presença pela cidade e encontra no Centro Cultural Justiça Federal (CCJF) um novo aliado para a formação de plateias para o cinema brasileiro. Às 14h30, o espaço exhibe “Torre



‘Torre das Donzelas’ deu a láurea de Melhor .Doc para Susanna Lira no Festival do Rio de 2018

das Donzelas”, um dos documentários mais celebrados da realizadora carioca, centrado nas cicatrizes da ditadura militar. Quinze minutos depois, às 14h45, no Cine Santa Teresa, começa a sessão de “Mr. Wonderful”, produção mais recente da realizadora, centrada nos feitos de

um “figuraça” do mundo da moda, que peitou preconceitos.

Lançado em 2018, no ardor das eleições presidenciais de então, “Torre das Donzelas” recupera as memórias de mulheres que foram presas políticas durante o regime militar de 1964 a 1985, entre elas

a ex-presidente Dilma Rousseff. A sessão abre uma programação que, até domingo (11), transforma o CCJF numa vitrine para diferentes gerações, linguagens e tendências da produção nacional. Ainda nesta terça, às 16h30, passa “Pequenas Cria- turas”, de Anne Pinheiro Guima-

rães, que venceu a Première Brasil de 2025, com Carolina Dieckman às voltas com um rearranjo sentimental no Distrito Federal dos anos 1980.

Na quarta-feira (7), a programação reúne “Kasa Branca”, de Luciano Vidigal, às 14h; “Antígona 442 a.C”, de Maurício Farias, às 16h; e “Milton Bituca Nascimento”, de Flavia Moraes, às 18h. Susanna volta à tela do CCJF na quinta-feira (8), às 14h, com “Salve Rosa”. No mesmo dia passam “Malu”, de Pedro Freire, às 16h, e “Os Enforcados”, de Fernando Coimbra, às 18h.

Sexta-feira (9) traz “O Último Episódio”, de Maurilio Martins, às 16h, e “Love Kills”, de Luiza Shelling Tubaldini, às 18h. No sábado (10), são exibidos “Eu e Meu Avô Nihonjin”, de Celia Catunda, às 14h, e “O Último Azul”, de Gabriel Mascaro, às 18h.

O domingo (11) fecha a ocupação com o drama em segmentos “Rio de Clarice”, de Nicole Allgranti, Eunice Gutman, Taciana Oliveira, Maria Luiza Aboim e Barbara Kahane, às 14h; .doc “A Fabulosa Máquina do Tempo”, de Eliza Capai, às 16h, projetado na Berlinale, em fevereiro; e um mergulho crítico na memória de nosso passado escravocrata às 18h, com “Xica da Silva”, clássico de Cacá Diegues (1940-2025), com Zezé Motta numa atuação de fino esmero.

O CINEMA NACIONAL GANHOU UM NOVO PRÊMIO.



O CORREIO DA MANHÃ CRIOU O PRÊMIO OLHAR BRASIL, EVENTO PARALELO DO FESTIVAL DO RIO, PARA DESTACAR OS MELHORES LONGAS DE FICÇÃO E DOCUMENTÁRIO, VALORIZANDO A NOSSA POTENTE PRODUÇÃO AUDIOVISUAL COM UM OLHAR DE RECONHECIMENTO AO BRASIL QUE EMERGE NAS TELAS.

JURADOS



RODRIGO FONSECA
ROTEIRISTA E CRÍTICO DE CINEMA
DO CORREIO DA MANHÃ



PAULA MARTINEZ MELLO
JORNALISTA, MONTADORA, PRODUTORA
E SECRETÁRIA DO CÉDIM



CÉSAR MONTEIRO
CRÍTICO DE MÚSICA E CINEMA



AFFONSO NUNES
JORNALISTA E EDITOR DO CADERNO
CULTURAL DO CORREIO DA MANHÃ



GUSTAVO VALENTE
EDITOR DO CANAL SET POR SETE E
APRESENTADOR DO MOMENTO CRÍTICO



Realização:

Correio da Manhã

www.correiodamanha.com.br / @correiodamanhabr / @colunamagnavita

ENTREVISTA | **ASGHAR FARHADI**

CINEASTA

‘Minha maneira de olhar para as relações entre as pessoas é iraniana’

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Duas vezes laureado com o Oscar de Melhor Filme Internacional, Asghar Farhadi teve a chance de vislumbrar as águas de Copacabana, in loco, a convite do Festival do Rio, onde chegou na sexta-feira, com o compromisso de badalar “Contos Paralelos” (“Histoires Parallèles”), que passa na cidade nesta terça, às 16h, no Estação. Claro Gávea. O diretor iraniano, aclamado até em Hollywood com “A Separação” (“Jodaeiye Nader az Simin”, 2011) e “O Apartamento” (“Forushande”, 2016), participou, no sábado de uma aula aberta no Armazém da Utopia, antes de seguir para Niterói, onde acompanhou a exibição de seu longa no Reserva Cultural.

Distribuído no Brasil pela Imovision, “Contos Paralelos” foi um dos concorrentes à Palma de Ouro em Cannes, marcando a reaproximação de Farhadi com Paris, cidade onde rodou “O Passado” (“Le Passé”) há 13 anos. O curioso é que a França não era o destino original da produção. O cineasta pretendia filmá-la em Nova York, mas abandonou o plano depois de procurar locações nos Estados Unidos e perceber que aquela geografia não pertencia à história que queria contar. Paris acabou por lhe oferecer não apenas familiaridade — Farhadi viveu ali durante três anos com a família —, mas uma espécie de cenário natural para uma trama sobre cinema, literatura, imaginação e voyeurismo.

Isabelle Huppert interpreta Sylvie, escritora em crise criativa que observa secretamente os vizinhos do prédio em frente em busca de personagens para um novo romance. A entrada do jovem Adam (Adam Bessa) em sua vida faz desmoronar a separação entre criação e experiência. Vincent Cassel, Catherine Deneuve, Virginie Efira, Pierre Niney e India Hair completam o elenco. Fotografado por Guillaume Deffontaines, colaborador habitual de Bruno Dumont, o longa prolonga a investigação moral que fez do iraniano um dos cineastas mais



Andréa Pessoa/Divulgação

“Vocês têm um cinema muito bom. Vi alguns filmes brasileiros. O último que assisti foi “Ainda Estou Aqui”. As atuações são muito boas, muito boas mesmo, assim como a maneira de narrar”

ASGHAR FARHADI

celebrados deste século. Desta vez, porém, o dilema passa pelo direito de olhar para o outro e, sobretudo, pelo direito de transformar sua intimidade em ficção.

Às vésperas de encontrar o público carioca, Farhadi falou ao Correio da Manhã de seus laços com Paris e explicou por que seus filmes europeus continuam a lhe parecer

iranianos.

“Contos Paralelos” seria originalmente rodado em terras americanas. Por que a história acabou encontrando seu lugar em solo parisiense?

Asghar Farhadi - No começo, o plano era fazer o filme em Nova York. O produtor era americano e

planejávamos filmar lá. Mas, quando fui aos Estados Unidos e comecei a procurar locações, percebi que a história não tinha nenhuma ligação com Nova York ou com aquele ambiente. Então, transferei o projeto para a França e para Paris. Vivi lá durante três anos com a minha família e, portanto, era um lugar muito mais familiar para mim.

O que Paris acrescentou à dramaturgia?

Paris é uma cidade mais ligada ao cinema do que muitos outros lugares. E este filme fala sobre ficção, fala sobre romances, sobre escrita e sobre cinema. Para uma história assim, é o melhor lugar do mundo.

Ao filmar em francês e dentro de outra paisagem cultural, existe o risco de perder alguma coisa da identidade que construiu em seus filmes iranianos?

Fiz três filmes fora do meu país e, à primeira vista, eles não são iranianos. São filmes estrangeiros. Mas a origem dos três é iraniana. O conceito, a maneira como trabalho e a atenção que dou aos detalhes vêm da minha cultura. A origem é iraniana, mesmo que o olhar exterior não seja. Quando trabalho na França, tento fazer um filme que pareça francês. Mas, se você entrar numa outra camada, ainda existe ali alguma coisa que vem do Oriente, que vem do Irã. Quando vejo este filme não como cineasta, mas como espectador, ele ainda me parece um filme iraniano. A língua é francesa, as relações são francesas, tudo é francês, mas a maneira de olhar para as relações entre as pessoas é iraniana.

Antes desta passagem pelo Festival do Rio, que imagem você tinha do Brasil?

Pensava no Brasil como um país muito colorido. Não sei exatamente por quê. Antes de vir para cá, pensava: “Estou indo para um país muito colorido”. Talvez isso venha do futebol, daquele amarelo tão particular que vemos associado ao Brasil.

E qual era a sua relação com o nosso cinema?

Vocês têm um cinema muito bom. Vi alguns filmes brasileiros. O último que assisti foi “Ainda Estou Aqui”. As atuações são muito boas, muito boas mesmo, assim como a maneira de narrar. Também conheço filmes anteriores, como “Cidade de Deus”. Tenho alguns amigos brasileiros que trabalham com cinema e são muito talentosos.

Há alguma proximidade entre os profissionais brasileiros que conhece e artistas iranianos?

Eles fazem-me lembrar as pessoas da indústria cinematográfica iraniana. Quando converso com brasileiros, sinto algumas questões parecidas — não diria exatamente problemas, mas a maneira como olham para o cinema por vezes se aproxima muito daquela que encontro entre os jovens realizadores iranianos.

Eternamente Tandler

‘Pontos de Partida’, canto de cisne do papa da História no documentário nacional, estreia no Rio, num tributo póstumo à sua obra

RODRIGO FONSECA
Especial para o Correio da Manhã

Um ano e um mês depois da morte de Silvio Tandler (1950-2025), seu legado volta ao Festival do Rio nesta terça-feira, agora pelas imagens que deixou como herança. “Pontos de Partida”, último projeto do realizador consagrado como o “papa do documentário histórico brasileiro”, integra a *Première Brasil*, na seção *O Estado das Coisas*, com projeção nesta noite, às 18h15, no Estação Claro Gávea.

Funciona como um adeus particularmente coerente para um cineasta que transformou memória, cidadania e indignação política em matéria audiovisual. Tandler deixou o longa inconcluso ao morrer, em 5 de setembro de 2025. Coube ao produtor

Cláudio Kahns finalizar esse experimento geopolítico, que passa nesta quarta, às 19h, no Estação Claro Rio, e na quinta, às 18h, no CineCarioca José Wilker.

Há dois anos, Tandler apresentou no Festival do Rio “Briçola – Anotações para uma História” (2024), um de seus últimos mergulhos nos personagens da política brasileira. Em 2017, viveu ali uma de suas consagrações mais emocionantes: “Dedo na Ferida” recebeu o prêmio do júri popular e Tandler, já numa cadeira de rodas, foi levantado para chegar ao palco e receber a láurea, sob uma ovação.

“O Rio é minha cidade. Copacabana é meu país”, disse ao Correio, lamentando a miséria nas ruas e defendendo o neorealismo como ferramenta para expor as contradições da cidade: “A cidade é bonita. Feia é a miséria e o destrato a que submetem nossa



Silvio Tandler, o cineasta que transformou memória, cidadania e indignação política em matéria audiovisual

população”.

Com 101 minutos, “Pontos de Partida” recupera uma iniciativa nascida em 2004, quando a política cultural brasileira deu origem ao *Cultura Viva* e à rede de Pontos de Cultura, que alcançaria cerca de 3,5 mil núcleos espalhados pelo país. O olhar se concentra sobretudo nas periferias de São Paulo e na tentativa de descentralizar o acesso à produção cultural, levando protagonismo a manifestações distantes das instituições tradicionais.

“Nenhum outro país do mundo é tão generoso em juros para os bancos quanto o Brasil”, dizia Tandler. “São as taxas mais altas do mundo, mesmo considerando o capitalismo financeiro não produtivo, especulativo. Ele é uma chaga internacional que vive quebrando países e circulando pelo mundo de forma predatória”.

A resiliência da rebeldia estudantil e artística parece funcionar como uma derradeira profissão de fé de um diretor que nunca separou cinema de intervenção social.

“Acredito na construção de uma economia solidária, que respeite os seres humanos, o meio ambiente, os animais, a diversidade cultural, sem se preocupar se um dia ela será chamada de socialismo ou humanismo”, dizia o documentarista de maior sucesso popular da nação, graças aos blockbusters “Os Anos JK – Uma Trajetória Política” (1980), “Jango” (1984). “Morrerei otimista”.

DICAS DE TERÇA - FESTIVAL DO RIO

POR **RODRIGO FONSECA**



Caliban/Divulgação

NO GOOD MEN, de Shahrbanoo Sadat (Afeganistão): Tiraram sarro da diretora artística de Berlim, Tricia Tuttle, logo que o anúncio desta produção para o posto de abre-alas do festival alemão foi divulgado, mas ela bateu bem e ficou no coração da plateia. Sua trama se passa em 2021, quando a protagonista, Naru (a própria cineasta), luta pela custódia do filho, de apenas três anos, Liam, que é fã de leões, sobretudo o “The Lion King” da Disney. Depois de deixar o marido infiel, ela se convenceu de que não existem homens bons no seu país. É pega de surpresa, em suas atuais convicções, quando o jornalista mais importante da Kabul TV, Qodrat (o ótimo Anwar Hashimi), oferece a ela uma oportunidade profissional de peso. À medida que os dois percorrem a cidade, sob o fogo dos Talibãs, Naru começa a questionar suas descrenças. Onde: Estação Claro Rio 4, 14h15



Divulgação

O DEGELO (“El Deshielo”, de Manuela Martelli (Chile): Ambientado em 1992, o filme acompanha a menina Inés durante uma temporada no hotel dos avós, localizado em uma região montanhosa, onde ela conhece Hanna, uma jovem esquiadora alemã. A convivência entre as duas é interrompida quando Hanna desaparece sem deixar vestígios, obrigando Inés a participar de uma busca que acaba revelando segredos escondidos naquele ambiente aparentemente protegido. Onde: Cinesystem Belas Artes 2, 18h30



Divulgação

OVERMAN, de Tomás Portella: Talento que ainda desfruta do prestígio merecido, o diretor de “Desculpe O Transtorno” (2016) e “Operações Especiais” (2015) se embrenha pelas HQs da Laerte a fim de dar ao nosso cinema um super-herói que seria reprovado pelos Vingadores e faria o Deadpool passar vergonha. Assim mesmo, o Overman de Caco Ciocler é chamado pelo governador do Rio para a Secretaria de Segurança Pública. Diante do talento magistral de seu protagonista, essa convocação é justificável. E dela há de brotar um mar de risos. Onde: Cinesystem Belas Artes 6, 21h45

EM CONCERTO

por MARCUS VERAS



Acervo pessoal

Moacir Santos, um patrimônio da nossa música

Cem anos do nosso mestre Moacir Santos

No ano em que Moacir Santos (1926–2006) completaria 100 anos, a Casa do Choro (Rua da Carioca 38) recebe, durante o mês de outubro, uma programação dedicada à obra e ao legado de um dos mais inventivos compositores e arranjadores brasileiros do século XX. O Festival Moacir Santos 2026 acontece até o dia 29. Nesta quinta (8), será a vez do Quarteto Coisas - An-

drea Ernest Dias (flauta); Marcílio Lopes (bandolim); Maurício Carrilho (violão de sete cordas) e Fernando Leitzke (piano). O repertório recupera choros compostos pelo maestro em sua juventude, ainda no Nordeste, e também os dos primeiros anos após sua chegada à Rádio Nacional, no final da década de 1940 e início dos anos 1950. Ingressos a partir de R\$ 40.

Música e medicina

Um retrato musical divertido e sentimental da medicina e dos médicos, com suas pílulas, cirurgias, elixires e encantamentos para lidar com os muitos males da condição humana. No programa, trechos de obras de Bach, Haendel, Lully, Couperin, Marais, Charpentier, Kuhnau. Com Laura Rónai, (flauta barroca), Roger Ribeiro (violino barroco), Eduardo Antonello (cravo), e Myrna Herzog (viola de gamba e direção). Nesta quarta-feira (7), às 19h, no Teatro Solar de Botafogo (General Polidoro 180), ingressos a partir de R\$ 110.

Estreia Mundial

A Orquestra Sinfônica Brasileira Jovem ocupa o Teatro Carlos Gomes (Praça Tiradentes s/nº) sábado (10) às 11h, regência de Anderson Alves. No repertório, obras de Brahms, Ford e Dvorák, e a estreia mundial de “Concerto para Tímpanos”. Grátis.

Viagem sonora

O Quarteto de Teclas Sonoras, dirigido por Nelma Pataro, percorre diferentes períodos e estilos musicais, do universo erudito à música popular brasileira. O grupo apresenta-se nesta terça (6), às 19h, Art Sesc (Rua Marquês de Abranches, 99). Grátis.

Cinderela no Municipal

No mês das crianças, o Projeto Ópera do Meio-Dia do recebe “Cinderela”, de Rossini. A personagem do conto de fadas chega na hora do almoço em quatro apresentações gratuitas: nos dias 6, 7, 13 e 21 de outubro. A versão em português foi adaptada por Víctor Abalada & Cyrano Sales. Os ingressos podem ser retirados uma hora antes do espetáculo.



Daniel Ebendinger/Divulgação



Juliana Chalita/Divulgação

Carolina Chalita em cena: ‘Desenvolvemos uma dramaturgia que oferece a possibilidade de investigar as fronteiras entre os olhares árabe e ocidental sobre as mulheres’

Sherazade desconstruída

Indicada ao Prêmio APTR, Carolina Chalita leva ao Centro Cultural do Poder Judiciário a primeira adaptação para o teatro de best-seller da libanesa Joumana Haddad

Exaltada pelo Ocidente como símbolo de insubmissão feminina, Sherazade nunca foi nada disso, sustenta a escritora libanesa Joumana Haddad em “Eu matei Sherazade, confissões de uma árabe em fúria”. É essa leitura que Carolina Chalita transforma em monólogo no palco do Centro Cultural do Poder Judiciário (CCPJ), em curta temporada.

Indicada ao Prêmio APTR, a peça percorre cidades fluminenses em tour e tem dramaturgia assinada pela própria protagonista, direção de Miwa Yanagizawa, direção musical de Beto Lemos e música ao vivo de Maria Clara Valle.

O espetáculo questiona até onde as realidades vividas pelas brasileiras e pelas mulheres árabes se distanciam? No palco, Carolina — que tem ascendência libanesa — narra as confissões de uma árabe enfurecida pela maneira como a mulher é vista por seu próprio povo e pelo olhar preconceituoso do Ocidente.

“Desenvolvemos uma dramaturgia que oferece a possibilidade de investigar as fronteiras entre os olhares árabe e ocidental sobre as mulheres. Joumana Haddad nos

“Joumana Haddad nos apresenta um caminho para a libertação da hipocrisia da cultura patriarcal”

GABRIELA CHALITA

apresenta um caminho para a libertação da hipocrisia da cultura patriarcal”, conta.

O caminho, na obra de uma das escritoras mais influentes do mundo árabe, passa por uma crítica feroz à personagem de “As mil e uma noites”, compilação de histórias populares originárias do Oriente Médio e do sul da Ásia em língua árabe a partir do século IX. Para Joumana, ao ludibriar o sultão com fábulas que maquiavam sua transformação, Sherazade não rompe com o sexismo — o perpetua.

“O sultão, que, a cada noite, matava uma virgem de seu reino como vingança por ter sido traído

por sua primeira esposa, fica curioso com as fábulas de Sherazade, o que, para o mundo ocidental e para os próprios árabes, significa que a personagem não é submissa. É exatamente isso que Joumana questiona” detalha a atriz, que atua desde os oito anos e já integrou companhias como a Amok Teatro e Cia Teatro Esplendor.

Joumana Haddad é poeta, jornalista e ativista de direitos humanos, eleita pela Arabian Business Magazine uma das 100 mulheres mais poderosas do mundo e citada pela ONG Apolitical entre as 100 pessoas mais influentes na política de gênero. Fundou a Jasad, revista erótica trimestral em língua árabe especializada em artes e literaturas do corpo, o Joumana Haddad Freedoms Center, em Beirute, e, em parceria com o Institut Français du Líbano, o primeiro Festival Internacional de Feminismos do Oriente Médio, lançado em 2020.

Foi a ascendência libanesa que a levou Carolina, em 2013, a assistir a uma leitura dramatizada de uma adaptação do livro assinada por Clarisse Niskier. “Quando acabou a leitura, procurei a Clarisse e disse que, se ela não fosse montar, de fato, o texto, eu me interessaria. Depois de um ano, ela me liberou e procurei a Joumana”, revela.

SERVIÇO

EU MATEI SHERAZADE, CONFISSÕES DE UMA ÁRABE EM FÚRIA

Centro Cultural do Poder Judiciário - CCPJ (Av. Erasmo Braga, 115, Centro)
De 6 a 14/10, terças e quartas-feiras (18h)

Grátis, com ingressos no www.sympla.com.br

Bonecos encantados

Festival de teatro de animação para crianças leva nove espetáculos ao Teatro Ruth de Souza de 10 de outubro a 1º de novembro

Aos sábados e domingos, às 11h, a Rua Murtinho Nobre, 169, vira endereço de marionetes, máscaras e bonecos. É lá, no Teatro Ruth de Souza, em Santa Teresa, que acontece o Anima Santa – Festival de Teatro de Animação para Crianças, entre 10 de outubro e 1º de novembro. A ideia partiu de Paty Lopes, produtora que também assina crítica teatral, ao decidir levar para o bairro os colegas do laboratório de teatro de animação do Sesc Tijuca.

Os trabalhos já haviam integrado a mostra local do projeto Palco Sesc Giratório, dedicado ao vigor das formas animadas no Brasil. Agora, ela assume a produção: acredita no potencial do grupo e na responsabilidade de entregar ao público espetáculos à altura da tradição que os inspira.

O palco escolhido não é cenário neutro. Inaugurado em 2021 no antigo Parque das Ruínas, hoje Parque Glória Maria, o teatro homenageia a atriz que morreu em 2019 — pioneira do Teatro Experimental do Negro e a primeira atriz negra a protagonizar uma telenovela no Brasil — e se consolidou como casa da pesquisa cênica e da diversidade étnico-racial na rede municipal. E quem reúne e orienta os alunos do laboratório é o professor, ator e manipulador Márcio Nascimento, apontado por críticos do estado como um dos maiores artistas do teatro de animação do Brasil, autor de um solo que revisita “Oteló” de Shakespeare com bonecos e música ao vivo.

O momento do gênero ajuda a explicar a ambição. Do mamulengo nordestino às montagens altamente técnicas e poéticas das últimas décadas, o teatro de formas animadas vive hoje um de seus períodos de maior reconhecimento crítico. O exemplo mais recente é “Azul”, da Artesanal Cia. de Teatro, que aborda a neurodiversidade e afeto familiar com bonecos: depois de ganhar o Prêmio APTR de Melhor Espetáculo Infantil de 2023, foi eleito Es-

petáculo do Ano infantojuvenil pela APCA, acumulando passagens por 16 cidades e mais de 23 mil espectadores. É nesse ecossistema que Paty Lopes encaixa o festival, buscando oxigenar a cena local e formar novas gerações de artistas e espectadores.

“Ter o artista Márcio Nascimento como professor e orientador é um ganho artístico tremendo para quem está pesquisando as formas animadas”, destaca a produtora. Márcio, por sua vez, amplia a aposta: “Trazer novidades e experimentações para o mercado de teatro infantil é fundamental. O teatro de animação permite criar mundos poéticos únicos e dialogar com as crianças de forma direta e transformadora.”

A programação distribui nove espetáculos por quatro fins de semana. Na estreia, dias 10 e 11, “Incondicional”, de texto e boneco de Marcelo Dog, conta a história de amor e de vida entre um homem e dois cães — o afeto do cachorro como maior exemplo prático de amor incondicional — e “Você tem medo de que?”, idealizado por Pedro Ivo, em que duas crianças trocam ideias

sobre seus medos e sobre quem vence no fim: você ou o medo. Dias 17 e 18 é a vez de “O Casamento”, com criação de bonecos e dramaturgia de Karina Cavalcanti, em que uma jovem sonhadora, seduzida pela promessa de uma cigana, vê dois pretendentes disputar seu coração — e caberá ao público decidir quem sobe ao altar — e de “O Vestido”, da mesma autora, no qual um vestido atravessa o tempo e abre portas para memórias afetivas, entre cantigas, cheiros e saudades.

Dias 24 e 25, a Trupe Teatral Os Trágicos da Cidade apresenta “O Pato do Imperador”, versão em cena curta de “Os Mendigos e o Pato do Imperador”, sob direção convidada

de Andréa Cevidanes: uma trupe mambembe chega ao Reino de Anarinacheirabufa, transforma um pato em refeição improvável e descobre que ele pertencia ao imperador — personagens que, mesmo chamados de mendigos, afirmam uma nobreza que não se encontra nos títulos nem nos bolsos, mas nos atos. No mesmo fim de semana, “A Aventura de Obax”, da Cia Casa Alheia de Teatro, adaptada e dirigida por Thiago Emanuel, parte de uma narrativa protagonizada por uma menina negra e atravessada pela oralidade: Obax jura ter visto uma chuva de flores na savana onde vive, ninguém acredita, e ela parte com Nafisa, seu amigo elefante, em busca de outra

chuva — imaginar como forma de transformar o mundo.

No encerramento, dias 31 de outubro e 1º de novembro, três montagens fecham o ciclo: “Maria Bonita e a Peleja com o Sol”, de texto de Paty Lopes, em que Maria Deia, a primeira mulher do cangaço, retorna para um último encontro com o Sol, seu único ouvinte e confidente; “A Escola de Punks”, da Cia. Mini Ato, com os bonecos roqueiros Billy ‘The Punk’ e Avril Larvinha e suas trapalhadas; e “Bolo da vovó”, idealizado por Kamilla Ferreira, em que uma avó, no meio do bolo preparado para a família, lida com uma ligação inesperada e com a frustração — com a mesma doçura da receita.

SERVIÇO

ANIMA SANTA – FESTIVAL DE TEATRO DE ANIMAÇÃO PARA CRIANÇAS

Teatro Municipal Ruth de Souza (Rua Murtinho Nobre, 169, Santa Teresa)
De 10/10 a 1/11, sábados e domingos (11h)
Ingressos: R\$ 40 e R\$ 20 (meia)



Fotos/Cláudia Dantas/Divulgação

Bolo da Vovó



O pato do Imperador



Incondicional



Escola de Punks

FOTOCRÔNICA CARLOS MONTEIRO

FOTOS E TEXTO

Sons do Rio de Janeiro

O Rio também se fotografa com os ouvidos. Antes mesmo de abrir os olhos, a cidade já fala. Há um trem passando ao longe. O ferro contra o ferro. O apito breve. A composição que corta a manhã levando gente, sonhos, pressa. Um som que atravessa bairros e janelas. E anuncia que mais um dia começou junto com o apito da fábrica de tecidos.

Na praia, o ritmo é outro. Em Ipanema, as ondas quebram na areia com uma música antiga. Vai. Volta. Espuma. Silêncio. Outra onda. O mar não tem pressa. Talvez por isso o carioca goste tanto de escutá-lo. Mais acima, nas árvores, os sabiás e os bem-te-vis ensaiam a alvorada. Um canto responde ao outro. Pequenos músicos invisíveis entre folhas e galhos. O bem-te-vi anuncia seu próprio nome. O sabiá não precisa dizer quem é. Seu canto basta.

No céu, as fragatas passam quase sem ruído. Grandes asas abertas, desenhando círculos sobre o azul. Às vezes, apenas o vento parece tocá-las. Lá embaixo, porém, a cidade acelera. Buzinas. Motores. Freios. Ônibus. Motocicletas. Sirenes. Um concerto frenético de avenidas cheias, onde cada veículo parece tocar seu próprio instrumento. O Rio que engarrafado também tem música. Uma música nervosa. Desafinada. Humana. E, no meio dela, surge outra voz: “É tomate! É laranja! É abacaxi!”.

O feirante apregoa sua mercadoria como quem canta para a rua. Seu grito atravessa a feira. Passa pelas barracas. Entra nas janelas. Mistura-se ao barulho das sacolas, das conversas, dos passos, das moedas trocando de mãos. É uma voz que vem de longe. Dos antigos pregões.

Da cidade que ainda conversa na calçada. E há tantos outros sons. O vendedor de mate. O apito do guarda. A bola batendo no chão. O sino da igreja. O samba escapando de uma janela. O copo pousando sobre a mesa do botequim. O riso. A gargalhada. O silêncio. Sim. Até o silêncio tem seu lugar no Rio. Ele aparece depois da chuva. Na praia quase vazia. Num domingo muito cedo. Naquele instante em que a cidade parece respirar antes de começar novamente. Talvez seja isso que torne o Rio tão particular.

Não existe uma única trilha sonora para a Cidade Maravilhosa. Existem muitas. A cidade dos trens. A cidade do mar. A cidade dos pássaros. A cidade das avenidas. A cidade das feiras. A cidade dos botequins. Cada bairro tem seu ruído. Cada rua, sua voz. Cada esquina, sua pequena música. O Rio é feito de contrastes. Do estrondo do trem ao sussurro da onda. Do motor à asa da fragata. Do canto do sabiá ao grito do feirante. Da buzina ao silêncio. Talvez por isso, quando fechamos os olhos diante da cidade, ainda conseguimos enxergá-la. Porque o Rio não é apenas uma paisagem. É uma sinfonia. Uma sinfonia sem maestro. Plural. Desigual.

Barulhenta. Delicada. Carioca. E, talvez, seja justamente nessa mistura de sons que o Rio encontre sua voz. Uma voz que nunca é uma só. É muitas. E todas são Rio.

